

**LUGAR DE ONDE FALA CORA CORALINA NA OBRA
"POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS"**

Cristiano José de Oliveira

1. Introdução

Este artigo científico procura analisar o lugar de onde fala Cora Coralina (Ana Lins do Guimarães Peixoto Bretas), ou seja, a posição sujeito que a autora ocupa no discurso, em sua obra *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, tendo em vista que a literatura de Cora Coralina surge no século XX, justamente no período marcado de grandes transformações culturais e sociais, sobretudo, em relação ao papel da mulher na posição de identidade feminina.

Analisando os poemas de Cora Coralina (1889-1985), na obra *Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais*, buscamos mostrar o lugar de onde se fala sobre o feminino, de modo a comprovar a particularidade do seu discurso. Procuraremos, ainda, mostrar as regularidades enunciativas necessárias para o estabelecimento de uma caracterização do discurso feminino, presente nos seus poemas. Fazendo a conjugação de língua, sujeito e história, mostraremos que língua e sujeito se constituem mutuamente como funcionamento histórico.

Cora Coralina foi uma mulher forte, com características peculiares que marcaram sua trajetória, enquanto, esposa, mulher, mãe, escritora e representante de causas sociais, sobretudo, em favor das minorias excluídas de sua sociedade. Todo seu percurso tem marcas profundas de um discurso originário e forte.

Na obra de Cora Coralina interessou-nos, pois, a presença da mulher e a forma como essa linguagem representa o mundo e atua sobre ele. Interessou-nos a investigar como essa linguagem possibilita reconstruir a história, as sociedades, outros tempos e lugares. Interessou-nos, também, averiguar a

força do discurso feminino de Cora Coralina que surge em 1950 quando a autora retorna para Goiás.

Para esclarecer melhor a nossa intenção destacamos alguns dados biográficos da autora em questão:

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, Cora Coralina, nasceu na Casa Velha da Ponte, na Cidade de Goiás, antiga Vila Boa, Goiás, em 20 de agosto de 1889. Ali viveu sua infância e parte de sua juventude.

Em 1903 já escrevia sobre seu cotidiano, tendo criado, juntamente com duas amigas, em 1908, o jornal "*A Rosa*". Em 1910 o conto, "*Tragédia na Roça*", é publicado no "Anuário Histórico e Geográfico do Estado de Goiás", já com o pseudônimo de Cora Coralina.

Em 1910 conhece o advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas. Com 22 anos de idade, aos 25 de novembro de 1911, Cora Coralina deixou sua cidade e foi morar no interior de São Paulo com o seu marido. Viveu no estado de São Paulo por quarenta e cinco anos, inicialmente na de Jaboticabal (SP) onde nascem seus seis filhos: Paraguaçu, Enéias, Cantídio, Jacintha, Ísis e Vicência, e depois na cidade de São Paulo, para onde se mudou mais tarde, 1924.

Ao chegar à capital, teve que permanecer algumas semanas trancada num hotel em frente à Estação da Luz, uma vez que os revolucionários de 1924 haviam parado a cidade. Em 1930, presenciou a chegada de Getúlio Vargas à esquina da rua Direita com a praça do Patriarca. Um de seus filhos participou da Revolução Constitucionalista de 1932.

Com a morte do marido, passou a vender livros. Posteriormente mudou-se para Penápolis, no interior do estado, onde passou a produzir e vender linguiça caseira e banha de porco. Mudou-se em seguida para Andradina, até que, em 1956, retornou para Goiás.

Em 1956, após 45 anos longe de sua terra, Cora Coralina com 67 anos de idade, retorna sozinha para Goiás no dia 22 de março deste ano. Na Casa Velha da Ponte ela inicia, após sua volta, uma trajetória de doceira, poetisa, e contista das histórias do interior de Goiás, em particular dos becos e das ruas da Cidade de Goiás.

E é esse período que queremos verificar, pois compreendemos o discurso como uma prática de linguagem que encara o homem como ser social e histórico.

A questão que norteia a nossa proposta é a seguinte: de que lugar se fala sobre a mulher nos versos de Cora Coralina?

Segundo Pêcheux (1995), as palavras, expressões, proposições, recebem seu sentido da formação discursiva na qual elas são produzidas e representam, na ordem do discurso, as formações ideológicas que lhes correspondem. As mesmas palavras tomam rumos diferentes de acordo com a posição de quem as emprega. Assim, pode-se afirmar, que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz (ORLANDI, 1999) e o lugar social que ele ocupa no momento histórico em que fala deixa transparecer o seu lugar nessas relações.

Dizendo de outra forma, queremos investigar o lugar social e o momento histórico que a autora ocupa quando ela elabora o seu discurso feminino; queremos investigar a formação ideológica materializada nos textos.

Para abordarmos tal questão, utilizaremos os aportes teóricos da Análise do Discurso.

2. Rastreamento alguns conceitos da Análise do discurso

Análise do Discurso teve seu início nos anos de 1960, na França, como uma tentativa de oferecer às Ciências Humanas um método científico para suas pesquisas, já que a análise do conteúdo, até então exercida, não atendia às exigências de uma prática desta natureza. A análise do discurso pretende levar em conta as diferentes modalidades do exercício da língua num determinado contexto histórico-social de produção (BRANDÃO, 1998).

A análise do discurso é uma teoria da significação fundada em uma compreensão materialista da língua que relaciona língua e ideologia, estabelecendo uma relação entre uma base linguística e os processos discursivos. A primeira seria um sistema comum a todos os falantes; já os processos discursivos estariam sujeitos aos aspectos ideológicos que os determinam (PÊCHEUX, 1995).

Os processos discursivos, que se desenvolvem sobre as bases da língua, não são expressões de puro pensamento nem meros instrumentos de comunicação, mas se revestem de ideologia. Nesse processo o discurso acaba sendo ao mesmo tempo estrutura e acontecimento. (PÊCHEUX, 1999).

Dizemos que o discurso é estrutura, porque usa as formas fixas, estabelecidas pela língua. Como estrutura, a língua é estável e ocupa o plano descritivo. Considerar a língua como estrutura é levar em conta os funcionamentos linguísticos fechados em si mesmos, tais como regras, nomenclaturas, léxico etc.

No entanto, fazer uso da linguagem é mais do que isso. É, acima de tudo, perceber que os enunciados são instrumentos ideológicos capazes de revelar as circunstâncias e contextos em que eles são produzidos, bem como qual a situação e as relações sociais, históricas e culturais o uso da linguagem denuncia ou revela. E ao agirmos assim consideramos a língua acontecimento.

A língua como acontecimento está para a instabilidade. E isto justamente ocorre, porque palavras desnudam valores e referências que os sujeitos desenvolvem e difundem em um determinado período histórico. Além disso, a interlocução realiza-se no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta.

Pensar a língua enquanto acontecimento leva-nos a perceber que, nas palavras, há sentidos e significações ideológicas construídas a partir do histórico. Focalizar a língua como acontecimento é concebê-la, não meramente como instrumento de comunicação, mas também como produtora de sentidos e significações e reveladora da ideologia. Dessa postura emerge uma concepção de linguagem que permeia os estudos discursivos, ou seja, a linguagem caracteriza-se pela atuação de fatores históricos e ideológicos na produção dos sentidos. Percebe-se, assim, que o enunciado não é apenas um mediador entre o ato de fala e eventos restritos em si mesmos, mas é materialização linguística de contexto histórico.

Partindo desta proposta de análise discursiva, procuraremos em Orlandi alguns conceitos apresentados, tais como discurso, formação discursiva, sujeito, ideologia e memória discursiva.

Segundo Eni Pulcinelli Orlandi o discurso é o lugar onde se dá a materialidade da língua. Através do discurso, o sujeito manifesta sua posição ideológica, transferindo suas produções de linguagem. A autora nos ensina que,

(...) quando se concebe a língua - como os linguistas - enquanto sistemas de formas abstratas (e não material) têm a transparência e o efeito de literalidade. Porém se a concebermos na perspectiva discursiva - como materialidade, essa materialidade linguística é *o lugar de manifestação das relações de forças e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos.* (Grifo nosso. 2010, p. 21) -

Para Orlandi, há muitas maneiras de significar a língua e o discurso é uma delas. Através do discurso, o sujeito realiza movimento das palavras, concebendo pela linguagem a mediação necessária, entre o homem e a realidade natural e social, em que se está inserido. Para Orlandi (2009),

o discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto (p. 22).

Na Introdução à Análise do Discurso, Helena Nagamine Brandão, abordando a historicidade da AD na perspectiva teórica francesa vai dizer que essa disciplina inscreve-se em um quadro que articula o linguístico como o social.

O conceito de língua é geral (social, mas a-histórico) e o de fala é individual (histórico, mas a-social), o conceito de discurso ocupa um lugar particular entre língua e fala. Esse seu lugar é o do modo de existência histórico-social da linguagem. Segundo Orlandi (2009, p.22) "a língua é condição de possibilidade do discurso."

Para uma compreensão do que é discurso, Orlandi (1986) nos ajuda a entender um pouco mais.

O discurso é o enunciado formulado em certas condições de produção, determinando um certo processo de significação. Ou, como define Pêcheux (1969), o discurso não é apenas

transmissão de informação mas efeitos de sentidos entre locutores. E a AD é a análise desses efeitos de sentido. (p. 115)

A análise de discurso pretende levar em conta as diferentes modalidades do exercício da língua num determinado contexto histórico-social de produção (BRANDÃO, 1998). Seu papel é mostrar a produção de discurso que há no ato de comunicação do sujeito.

Para Orlandi (2009)

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Deste modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente (p. 43).

O que Orlandi afirma acima é que todo discurso é uma forma de manifestação da essência do próprio sujeito. Seu modo de pensar e de ver o mundo, sua forma de constituir-se e de construir, a partir da linguagem. O discurso materializa a partir de posição dada com uma conjuntura dada como afirma Brandão (s/d). Segundo Brandão, Pêcheux elabora a noção de formação discursiva colocando-a num lugar central na articulação entre língua e discurso. São as formações discursivas que determinam "o que pode e deve ser dito." Formações discursivas são regionalizações da ideologia.

Segundo Orlandi (2010) "as formações discursivas são as diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais representados, constituem sentidos diferentes" (p.20).

Quando o sujeito diz, o que há no seu discurso? Poderia haver outra forma de se dizer aquilo que se faz comunicado? A partir do dito, a AD busca analisar os efeitos de sentido que aquele discurso pode interferir no social. Portanto, para a AD, o discurso é uma construção de formações discursivas que materializam as formações ideológicas, ou seja, um "lugar em que se pode

observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (Orlandi, 2009, 17).

A ideologia é que fornece aos indivíduos uma determinada formação social, que possibilita, na sua homogeneidade, modos de interpretar o mundo. Os sujeitos se interagem entre si e com o mundo, dentro da ideologia.

Para Santaella (1996)

Ideologia é um sistema de idéias, representações sociais que abrangem as idéias políticas, jurídicas, morais, religiosas, estéticas, filosóficas dos homens de uma determinada sociedade. Mais do que descrever uma realidade, elas expressam desejos e esperanças, nostalgias. Nas ideologias predominam elementos que têm a função de adaptação à realidade. Os homens interagem entre si e com o mundo dentro da ideologia. É ela que forma e conforma nossa consciência, atitudes, comportamentos, para amoldar-nos às condições reais de existência. (p.214)

Segundo Orlandi (2009) a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Tudo o que o sujeito diz é constituído de uma ideologia que o norteia no seu modo de ser. Desta forma não há como separar o sujeito da ideologia. Orlandi afirma que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (2009, p. 46).

Ao produzir o seu discurso, o sujeito recorre à memória para reproduzir aquilo que foi significativo no processo de constituição. Fazendo a ligação entre os fatos novos e o passado, pois tudo que é novo pertence à memória.

Toda formação discursiva está associada a uma memória discursiva. É a memória discursiva que possibilita a formação discursiva. Por memória na AD, podemos entender o que esta no interdiscurso, ou seja, todo discurso está constituído de outro discurso, o que já foi dito anteriormente, aquilo que se falou antes, em outro lugar.

Para Orlandi (2009) este discurso retoma no sujeito “sob a forma de um discurso pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (p. 31).

A posição sujeito, na produção discursiva, segundo Brandão (s/d) se dá no "situar sempre em relação a um outro já tido que se constitui no outro discurso" (p. 77).

Estes conceitos constroem para o nosso trabalho bases fundamentais para analisarmos a produção de Cora Coralina a partir de um lugar determinado, formado por uma condição feminina, num processo sócio-histórico-cultural marcado de fortes manifestações preconceituosas frente ao papel da mulher, sobretudo no campo da intelectualidade.

Este processo discursivo em que a mulher Cora Coralina surge é carregado de uma linguagem campesina, libertária, original com a intenção de assegurar um papel à mulher para a quebra dos paradigmas. Cora discursa sobre o papel feminino, não só enquanto submisso às ordens do masculino, mas, sobretudo, numa posição de antecipação da travessia de uma luta feminista que rompe com o espaço do privado para o público, como veremos à frente.

Vale ressaltar que a mulher Cora Coralina que se apresenta no livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* é um sujeito sofrido, que rompeu formações tradicionais do conceito de família, religião e sociedade. É uma mulher amadurecida que viveu grandes mudanças com o desenvolvimento cultural, social, econômico do seu país. Pois o livro surge na década de 1965 e que permite fazer-se em processo de transformação humana, pois a autora vive até o ano de 1985 e no fazer de produção literária.

O que iremos analisar na obra coraliniana é o lugar em que este sujeito se posiciona e se constitui para o seu dizer.

3. Posição-sujeito assumida por Cora Coralina

O discurso coraliniano é marcado por fortes posições, em defesa de uma voz secundária, que em muitos momentos, não consegue nem ter voz e nem vez. Esta posição particulariza o discurso de Cora Coralina em um lugar originário, denunciando questões de exclusão e indiferença no seu contexto sócio-histórico, assumindo uma posição de mulher firme, segura e livre.

A voz de um discurso feminino é muito forte. No poema "*Todas as vidas*", Cora Coralina (2003) apresenta várias mulheres em uma só,

Vive dentro de mim uma cabocla velha (...) a lavadeira do Rio Vermelho (...) a mulher cozinheira (...) a mulher do povo. Bem proletária. Bem linguaruda, desabusada, sem preconceitos (...) a mulher roceira. (...) Trabalhadeira. Madrugadeira. Analfabeta. (...) Bem parideira. Bem criadeira. (...) Vive dentro de mim a mulher da vida. (...) Todas as vidas dentro de mim: Na minha vida – a vida mera das obscuras (p. 31-33).

As mulheres que vivem em Cora Coralina são as marcas da trajetória pelos caminhos mais diversos. São mulheres marcadas por várias imagens que se descortinam no poema: as coras coralinas.

Todas as vidas estão dentro dela. Num dado momento, ela no poema *Minha Cidade*, vai dizer que "eu sou aquela mulher que ficou velha, esquecida". O esquecimento, aqui, na nossa análise configura abandono, rejeição e exclusão. Consequências vis por sua velhice.

A identidade assumida pela posição enquanto mulher enriquece seu discurso, como sujeito que refez sua caminhada, se colocando no lugar do outro, sempre defendendo e assumindo o sofrimento, o esquecimento, a indiferença para transformar em discurso poético. As marcas de uma poesia, não nega a sua vivência como no poema *Ressaiva*. Esta mulher registra o que a poetiza.

Uma mulher, que no tarde da vida recria e poetiza sua própria vida, mas este processo não é tão simples, Cora recria a vida buscando embelezar o sentido, com o plantio de flores, fazendo a escalada da Montanha da Vida removendo pedras e plantando flores, marcas de uma mulher experiente. A dureza da rocha, resistente, marca da cabocla velha, que lutou no meio do povo, trabalhando, avançando os limites do seu tempo, quebrando os preconceitos.

A presença de uma "mulher da vida", no discurso coraliniano é posto de lado, como minha irmãzinha. Em muitos momentos a figura da prostituta é recordada por Cora como uma mulher da vida, mas não como o sujeito secundário, mas igual – minha irmã.

Por ocasião do ano Internacional da Mulher, 1975, Cora escreve o poema *Mulher da vida*. Ela retira das mulheres que estão dentro dela, a mulher da vida. Esta irmã sofrida, marcada de sinônimos torpes, está pisada, desprotegida, explorada, ameaçada pela violência, tanto física quanto moral, a mulher da zona, da rua, perdida e mulher à toa, maltratada. É a "flor sombria, sementeira espinhal". Por leis e sem proteção, esta mulher está abandonada. Nada de segurança ao seu favor.

Cora não poetiza para estas mulheres, mas denuncia a deficiência do sistema jurídico, público, como também recorre ao preceito bíblico para denunciar a hipocrisia da religião. Recordando o discurso cristológico, Cora não admite que atire pedras. Na imagem da mulher adúltera do Evangelho de São Mateus (Mt 21,31), ela diz que Jesus não condenou a mulher da vida. E cita a passagem em que Jesus diz que "as meretrizes vos precedem no Reino de Deus."

Segundo Teixeira (apud Denófrio, 2006, p. 38) "pela poesia de Cora pode ver (...) a mulher na sua realidade, em seu cotidiano esquecido, como tema público". As identidades assumidas em Cora legitimam seu discurso originário. Em Cora transcendem todas as vozes femininas de sua sociedade machista patriarcal, onde o lugar da mulher se recria ao lar, dona de casa, esposa, mulher submissa aos comandos do esposo.

A apropriação do discurso coraliniano é social, interpelado pela ideologia, como afirma Orlandi (2000). O que o sujeito diz tem a ver, com as condições em se produzir e com outros dizeres (p. 119). O lugar segundo Orlandi (2000) é compreendido, enquanto espaço de representações sociais e é constituído de significações. Cora perpetua (processando) seu discurso, dando voz às mulheres de sua época, mostrando-lhes espaço, vez, dignificando e valorizando a mulher.

A mulher campesina retirada da voz de Cora é a marca maior do seu posicionamento enquanto sujeito. "*Vive dentro de mim uma cabocla velha (...) uma mulher roceira*" (p. 31). A vida campesina retratada por Cora sinaliza os tempos das boiadas, como ela registra nos poemas *Evém Boiada* e *Trem de gado* ou no *Pousos de boiadas*. Apesar de falar muito do gado, Cora não foi

criadora de bovinos. Seu contato com a terra esta marcado no plantio do algodão e do milho. O último marca a produção de um dos maiores poemas de Cora que é *Poema do Milho* composto no tempo de Andradina, quando era agricultora. A marca da terra tem os poemas *Cântico de Andradina* e o *Cântico da Terra*, ambos de marcas telúricas.

Cora trabalha bastante o eu lírico em seus poemas. No poema *Evém Boiada*, ela registra marcas bem subjetivas: "Eu vi o cheiro do boi. Eu vi cheiro de pasto maduro, crestado, amarelado..." ou no registro do poema *Trem de gado*: " Eu vi a alma do boi pastando, lambendo, bebendo, nas invernadas do Céu." A primeira pessoa que surge no discurso marca a mulher campesina que viu e viveu a vida da terra. Acompanhou o mundo dos animais dos campos e a produção dos cereais.

No poema *Cântico de Andradina* Cora canta a vida produtiva que foi ceifada no centro oeste do Brasil. A mão de obra braçal da gente da terra foi abrindo os sertões e Cora vai dizer que a terra é o "lugar para todos. Sol para todos. Terra para quem quiser. Gente da gleba aqui resgata o abandono secular." Não é a toa que a posição que coração ao cantar a terra é de se colocar como a própria terra. No poema *O Cântico da Terra*, Cora se coloca como a própria terra. "Eu sou a terra, eu sou a vida. Do meu barro primeiro veio o homem." Nessa relação com a terra, ela se coloca na analogia ao processo de fertilização da terra à fecundação da mulher. Terra e mulher são fontes de produção; geram a vida. "Eu sou a grande Mãe universal. Tua filha, tua noiva e desposada. A mulher e o ventre que fecunda. Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor."

É com naturalidade e amor que Cora fala da terra, assumindo-a como parte essencial de sua vida. O que transita no discurso coralino é a construção da época em que ela viveu, por isso podemos observar a marcas da memória no dizer de cada pessoa da sua família, de cada lugar que ela viveu, eternizando em seus poemas o que ficou presente e vivo na memória.

A presença de fatos que remontam ao passado, com sinais fortes dos becos de Goiás é o que faz de Cora Coralina uma contadora de histórias, uma pesquisadora que não deixa perder seus costumes e historias do seu povo.

No poema *Antiguidades*, Cora fala da memória de “quando eu era menina” e o passado vai trazendo ao presente, pelo poema, as pessoas que construíram o espaço social, ético, familiar, religioso da vida poeta goianense. No poema *Velho Sobrado*, Cora metaforiza o abandono da natureza humana, como a imagem do sobrado. O casarão abandonado é a marca do esquecimento, do silêncio e abandono que os idosos sofrem com a chegada da velhice.

As diversas posições que Cora assume durante o seu discurso são provindas das várias formações discursivas. Os lugares discursivos em que Cora manifesta sua ideologia nos poemas, enriquecem a presença feminina. A voz literária que trazida no discurso coraliniano é capaz de trazer à tona um sujeito que se relaciona com várias vozes. Cora Coralina é a posição discursiva das vozes menores, excluídas das posições privilegiadas.

Segundo Orlandi (2000) “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (p. 58). As palavras nas vozes de Cora Coralina sempre têm um sentido peculiar. Ganham entonação e são capazes de reconstruir um novo sentido devido sua formação discursiva.

4 Conclusão

O discurso de Cora Coralina revela a posição de uma mulher frente ao seu tempo. Mulher forte e defensora da vida em todas as suas dimensões. A formação discursiva de Cora permite assumir as mais diversas vozes de um discurso autêntico e marcado por uma ideologia. Cora fala da vida do campo, da cidade, da memória, das coisas cotidianas, da mulher e das memórias dos becos de Goiás.

O lugar discursivo assumido por Cora é sempre um lugar marcado por um discurso inovador, mas ao mesmo tempo dominado de sinais de ruptura de uma cultura machista. Os sentidos no discurso coraliniano são representados de uma identidade que quebra os paradigmas da época para implantar uma voz libertadora.

Através de alguns conceitos da Análise de Discurso buscou-se traçar alguns lugares discursivos que a poesia de Cora Coralina manifestou no século XX. Sabe-se que o estudo da literatura não pode ser alheio às manifestações transitórias de um período histórico. Portanto, para analisar o discurso faz-se necessário percorrer pelos dados sócio-históricos que constituiu o sujeito e sua formação discursiva.

Esperamos que este estudo traga novas leituras da poetisa goiana e que sua obra literária possa contribuir para a formação de novos estudos e acampem os campos da linguagem para que a leitura fomente sempre o pensamento e a alma dos leitores.

Referências

- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- _____. *Introdução à análise do discurso*. 2ª reimpressão da 7ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp. [sd]
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais*. 21ª ed. São Paulo: Global, 2003.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do Silêncio: no movimento dos Sentidos*. 6ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010.
- _____. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 8ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- _____. *A análise de discurso: algumas observações*. D.E.L.T.A., v. 2, n. 1, 1986, p.105-126.
- _____. *Discurso & Leitura*. 5ª edição. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2000.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- _____. *O discurso: estrutura e acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- SANTAELLA, Lúcia. *Produção de linguagem e ideologia*, São Paulo: Cortez, 1996.
- TEIXEIRA, Cristiane Pires. *A construção da identidade Feminina em Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*. In: DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de (Orgs). *Cora Coralina: Celebração da Volta*. Goiânia: Cãnone editorial, 2006. p 37 – 58.